

### 3. A Antiguidade Tardia

#### 3.1. Definições de um termo

Não é nosso intuito fazer a exaustiva história do conceito de “Antiguidade Tardia”, no entanto, este se liga diretamente à nossa leitura das *Anékdota*. Assim sendo, é preciso estabelecer, ainda que de forma sucinta, a história do emprego desse termo.

A Antiguidade Tardia relaciona-se indiretamente àquela de Idade-Média. A visão da Idade-Média como um período de estagnação e decadência, entre um passado clássico Greco-romano glorioso e um Renascimento, traz, por conseguinte, a imagem dos estertores da Antiguidade. O prenúncio da Idade-Média seria o Baixo Império, esse período crepuscular em que o mundo Greco-romano entraria em franca decadência, prenúncio da “grande noite” medieval. A visão estereotipada incide não somente sobre a Idade-Média, mas igualmente sobre o período que imediatamente a precedeu.

O conceito de Antiguidade Tardia vem justamente dar voz —se assim podemos dizer — a esse próprio período, deixando de vê-lo como o fim dos tempos gloriosos e início das “trevas”. A Antiguidade Tardia ainda que seja de contornos fluidos, estabelece-se, grosso modo, entre o final da Antiguidade e o início da Idade-Média. Para a historiadora inglesa Averil Cameron, o período em questão inicia-se com a morte do Imperador Teodósio I em 395, ficando o Império Romano dividido entre seus dois filhos: o Oriente permaneceu sob o domínio de Arcádio e o Ocidente sob o de Honório. Justifica Cameron a opção dessa data, relacionando-a à situação de definitiva ruptura política e administrativa que daí adveio entre as regiões ocidentais e orientais do Império:

A partir desse momento, o império romano ficou definitivamente dividido para efeitos administrativos em duas metades, que, à medida que foi aumentando a pressão dos bárbaros sobre as fronteiras no correr do século V, começaram a reagir de maneira significativamente distinta. O ano de 395 constitui, pois, um autêntico

momento crucial na definitiva separação do Oriente e do Ocidente<sup>155</sup>. (A tradução é nossa)

No que concerne, mais especificamente, à formação do conceito, segundo Lançon, a primeira menção do termo é a que foi feita por Burckhardt, em 1853, no seu *Die Zeit Constantins des Großen (O Tempo de Constantino o grande)*, quando o utiliza como um adjetivo para qualificar a palavra *zeit* (tempo), “*spätantike Zeit*”, “tempo tardo-antigo”. No final do século XIX, o historiador alemão Otto Seeck apresentou “[...] uma visão mais pessimista da Antiguidade Tardia”<sup>156</sup>. Já o historiador francês Fustel de Coulanges, defendeu o que para a época era algo novo “[...] uma continuidade romana além de 476”<sup>157</sup>.

Mas é, sobretudo, o historiador da arte austríaco, Alois Riegel (1858-1905), no seu *Spätromische Kunstindustrie nach dem Funden in Osterreich, (A Indústria da arte tardo-romana segundo os achados na Áustria)* “que foi o primeiro intelectual do século XX a considerar a Antiguidade Tardia como possuindo uma unidade própria”<sup>158</sup>. Nesse livro, Riegel, em resposta aos que acusavam a arte tardo-romana como detentora de uma técnica rudimentar, defende o argumento de que os artistas desse período estariam preocupados em transmitir a transcendência e o conteúdo, mais do que elaborar uma representação fidedigna da natureza conforme os padrões clássicos<sup>159</sup>.

No entanto, o marco para a consolidação do termo veio com a obra de Henri- Irenée Marrou. Logo no começo de *Decadência Romana e Antiguidade Tardia*, explicita o seu propósito:

Deixemos de lado no momento os aspectos propriamente “decadentes” que resultam nos golpes das invasões bárbaras. É preciso que o termo “antiguidade tardia” receba enfim uma conotação positiva — como, lembramos, aconteceu com a “Idade Média”—; mas pode-se dizer que a expressão entrou verdadeiramente no uso corrente ? Em francês (como seus equivalentes em italiano e inglês), ela conserva ainda alguma coisa de esotérico; só o alemão, mais plástico, parece ter

<sup>155</sup> “A partir de esse momento, el imperio romano quedó definitivamente dividido a efectos administrativos em dos mitades, que, a medida que fue aumentando la presión de los bárbaros sobre las fronteras a lo largo del siglo V, empezaron a reaccionar de manera significativamente distinta. El año 395 constituye, pues, un auténtico momento crucial en la definitiva separación de Oriente y Occidente”

<sup>156</sup> Lançon: *L’Antiquité Tardive*, 1997 p.10

<sup>157</sup> Idem

<sup>158</sup> Ibid p.14

<sup>159</sup> CARRIÉ, Jean-Michel: *Elitismo cultural e ‘democratização da cultura’ no Império Romano Tardio* in *História*. Trad. Deivid Valério Gaia. 2010, vol.29, n.1, p.p. 456-474.

recebido melhor aquele de *Spätantike*. Seria preciso finalmente consentir em admitir que a antiguidade tardia não é somente a última fase de um desenvolvimento contínuo; é uma outra antiguidade, uma outra civilização, que é preciso aprender a reconhecer na sua originalidade e a julgar por ela mesma não através dos cânones das épocas anteriores.<sup>160</sup> (A tradução é nossa)

É importante mencionar os trabalhos provenientes do mundo anglo-saxão que adotaram explicitamente o conceito de *late antiquity*, pois foi, em grande parte, a partir desse espaço linguístico que o termo se afirmou. Assim, devemos mencionar especialmente os trabalhos fundadores para a delimitação do conceito do historiador irlandês Peter Brown: *The World of Late Antiquity: AD 150-750* de 1971, *The Making of Late Antiquity* de 1978; *Society & the Holy in Late Antiquity* de 1982. Segundo Oliveira, Brown fundou uma verdadeira escola historiográfica que defende a visão de uma:

[...] Antiguidade Tardia como um período distinto na história do Mediterrâneo, durante o qual um mundo novo e extraordinariamente criativo se desenvolvera a partir de uma dupla revolução, social e espiritual. Esse bloco temporal extenso, que iria, em princípio, dos últimos decênios do século II até o século VIII, é caracterizado, antes de tudo, pela lenta passagem de uma mentalidade identitária cívica a uma mentalidade identitária religiosa. Privilegiando a história cultural e religiosa em suas dimensões sociais e mentais, Brown, seus colegas e discípulos, têm insistido na importância das transformações lentas para a definição do período: trata-se, sobretudo, de analisar o impacto das religiões emergentes (o cristianismo e o islamismo) sobre as concepções e os comportamentos pessoais e coletivos. Nessa perspectiva, as mudanças políticas, como a queda do Império do Ocidente e a conquista árabe, são minimizadas e as fronteiras da Antiguidade Tardia são progressivamente alargadas para abarcar, segundo alguns autores, até o século X.<sup>161</sup>

Outra importante contribuição proveniente do mundo de expressão anglo-saxã são os trabalhos da historiadora inglesa Avril Cameron especialista na obra de Procópio de Cesareia: *The Mediterranean World in Late Antiquity, AD 395-600*; *Dialoguing in Late Antiquity* de 2014. E ainda o volume XIV da coleção The

<sup>160</sup> « Laissons pour le moment de côté les aspects proprement « décadents » qui résultent dans le monde occidental des contrecoups des invasions barbares ; il faudrait que le terme ‘antiquité tardive’ reçoive enfin une connotation positive — comme, on l’a rappelé, il est arrivé pour ‘moyen âge’ — ; mais peut-on dire que l’expression soit véritablement entrée dans l’usage courant ? En français (comme ses équivalents italien ou anglais), elle conserve encore quelque chose d’ésotérique ; seul l’aalmeand, plus palstique, semble avoir fait meilleur accueil à celle de *Spätantike*. Il faudrait enfin consentir à admettre que l’antiquité tardive n’est pas seulement l’ultime phase d’un développement continu ; c’est une autre antiquité, une autre civilisation, qu’il faut apprendre à reconnaître dans son originalité et a juger pour elle-même et non à travers les canons des âges antérieurs. » Marrou: *Décadence romaine ou Antiquité tardive ?* p.12 e 13

<sup>161</sup>Oliveira, Julio Cesar Magalhães de: O Conceito de Antiguidade Tardia e as Transformações da cidade antiga: o caso da África do Norte. **Revista de Estudos Filosóficos e Históricos da Antiguidade.**

Cambridge Ancient History organizado por Averil Cameron, Bryan Ward-Perkins, Michael Whitby, intitulado: *Late Antiquity: Empires and Successors, AD 425-600*.

Atualmente, o termo Antiguidade Tardia é utilizado como uma forma de ressaltar as idiossincrasias desse período que — ainda que de contornos cronológicos indefinidos, visto a falta de consenso entre os autores — se afigura com características que o diferenciam tanto da Antiguidade como da Idade-Média. Tempo fincado no passado, mas ao mesmo tempo de novas e drásticas reinterpretações desse mesmo passado. É justamente nessa transição que encontramos o específico da sua temporalidade histórica, como resume Lançon:

A concepção tenebrosa de um Baixo-Império Romano decadente e de uma pré Idade-Média bárbara substitui-se hoje em dia pela noção de Antiguidade Tardia. Esse período de quatro séculos não foi em nada aquele de um desabamento. Ele viu delinear-se progressivamente profundas mutações. Essa época, ainda há pouco reputada de obscura, não foi uma volta às nostalgias medrosas, mas sim a abertura em direção do futuro graças ao domínio de um passado mais do que milenar.<sup>162</sup>

### 3.2. Procópio de Cesareia

Após esboçar as conjunturas da descoberta das *Anékdota*, assim como as linhas gerais que caracterizam o texto, é mister que nos perguntemos sobre quem foi Procópio de Cesareia e as vicissitudes de seu tempo.

Procópio de Cesareia nasceu, por volta do início do século VI, em uma rica família da elite da cidade de Cesareia, na antiga província da Palestina, quando esta pertencia ao Império Bizantino — local que atualmente é parte integrante do Estado de Israel e está fora dos limites do que em nossos dias entendemos por Palestina. Na realidade, Cesareia na época do nascimento de Procópio era uma cidade pertencente à parte oriental do Império Romano, pois, como bem sabemos, a denominação bizantina foi *a posteriori*. As convulsões que deram fim às estruturas políticas e administrativas do Império Romano do Ocidente não

<sup>162</sup> “A la conception ténébreuse d’un Bas-Empire romain décadent et d’un pré-Moyen âge barbare se substitue donc aujourd’hui la notion d’Antiquité Tardive. Cette période de quatre siècles ne fut en rien celle d’un écroulement. Elle vit se dessiner progressivement de profondes mutations. Cet âge, naguère réputé obscur, ne fut pas celui du repli sur frileuses nostalgies, mais celui de l’ouverture vers l’avenir grâce à la maîtrise d’un passé plus que millénaire.” Lançon, Bertrand: *L’Antiquité Tardive*.1997 p.117

atingiram a parte Oriental e esta haveria ainda de se manter por mais alguns séculos, até a tomada de Constantinopla, em 1453, pelos turcos. A região que se estendia pelas bordas orientais do *Mare Nostrum*, o Mediterrâneo, em grande parte helenizada há muito, desde as conquistas de Alexandre o Grande, onde o grego era a língua de cultura, pouco se deixou penetrar pelo latim. Embora se autodenominando de “romanos”, continuavam como herdeiros diretos da língua grega. Procópio não foi exceção, toda sua obra foi escrita em grego e teve como modelos os historiadores gregos, como Tucídides, Deodoro da Sicília e Políbio.

Como assinalou o bizantinista estadunidense Warren Treadgold, Procópio fora criado dentro dos princípios de um cristianismo ortodoxo, o que então implicava acreditar em milagres e demônios. E, como bom cristão da época, achava que os demônios poderiam fazer tanto mal quanto os deuses pagãos. Mas Procópio de Cesareia também teve uma formação baseada na leitura dos antigos escritores que compunham o panteão das letras greco-romanas. Como afirma Treadgold, a respeito da formação de Procópio:

Como convinha a um aristocrata, Procópio adquiriu uma vasta educação clássica, que lhe capacitava a escrever em um límpido e gracioso grego ático<sup>163</sup>, com as apropriadas alusões literárias, sobretudo, a Tucídides. Ele pôde estudar retórica na cidade próxima de Gaza, naquele tempo famoso centro de estudos clássicos. E também teve uma vasta educação de jurista e bom conhecimento de latim, que estudara, como ele indica, com certo Berytus de Constantinopla. Depois disso, parece provável que não mais teve contacto com Berytus, chegando jovem à Capital [Constantinopla]<sup>164</sup>. (A tradução é nossa.)

<sup>163</sup> Os mais antigos documentos em grego são as célebres tabuinhas micênicas em linear B datadas de meados do segundo milênio a.C e que seriam decifradas pelo inglês Michel Ventris na década de cinquenta do século XX. Estas foram encontradas em sítios arqueológicos localizados nas cidades de Cnossos (Creta), Micenas, Tirinto e Tebas e já apresentavam indícios de variantes dialetais. Com a queda da civilização micênica, por volta do ano de 1200 a.C. até o século VIII a. C., estende-se um grande vazio no que diz respeito aos testemunhos escritos. Esse período ficou conhecido na historiografia como “período obscuro”. No entanto, a partir do século VIII a. C., a escrita ressurgiu no domínio helenofônico. Desde esse período até os dias de hoje, a história da língua grega pode ser acompanhada ininterruptamente através de documentos escritos, o que faz com que o grego seja um dos raros idiomas que pode ter sua história retracada até período tão recuado temporalmente. No que concerne à divisão dialetal do grego antigo, esta se inicia já no primeiro milênio antes de Cristo, quando da instalação das populações protogregas no extremo da Península Balcânica. Na época arcaica e clássica podemos dividir o grego em quatro grupos dialetais: o arcádio-chipriota; o eoliano; o dórico e o jônio-ático. Foi o jônio-ático, mais especificamente na sua variante ática, que, devido à pujante influência socioeconômica da cidade de Atenas, tornou-se o modelo linguístico nos séculos posteriores. O que consideramos atualmente como grego clássico é o dialeto ático escrito no século V a.C. em Atenas, o século de Péricles.

<sup>164</sup> *As befitted an aristocrat, Procopius acquired a superb classical education, which enabled him to write limpid and graceful Atticizing Greek with the appropriate literary allusions, above all to Thucydides. He may well have studied rhetoric at the nearby city of Gaza, then a famous center of*

Preocupado em manter em seus escritos um grego digno do século de Péricles, Procópio chegou a recorrer a extremos de preciosismo. Caso houvesse palavra inexistente no período linguístico que lhe servia de modelo, fazia uso de uma “espécie de máscara clássica, tal qual se tratasse de um grego do século V que desconhecesse aquilo e que falasse de ouvido a um contemporâneo de Tucídides”<sup>165</sup>. Assim, ao falar de uma igreja cristã poderia referir-se: “o templo ao qual chamam de igreja”<sup>166</sup>.

Como podemos constatar, a obra de Procópio de Cesareia inscreve-se nessa dimensão temporal da história do Ocidente que denominamos de Antiguidade Tardia, quando à cultura clássica mescla-se o aporte do cristianismo. Procópio era um homem de sólida formação clássica, que se inspirou nos antigos modelos da historiografia grega, mas que possuía também a cosmovisão da ainda relativamente nova religião, o cristianismo.

Procópio de Cesareia adentrou os cânones da historiografia com sua *História das Guerras*. Aí nesses oito livros, ele nos narra as guerras levadas a cabo por aquele que é considerado o último imperador romano com o intuito de reaver e manter a integridade dos territórios do Império. No ano de 527, Procópio começou a trabalhar com o General Belizário e graças a tal atividade pode presenciar, no próprio local, uma parte do objeto de estudo de sua obra. Esteve na guerra contra os persas e parece que permaneceu no Oriente até 531; já estava no Norte da África, na guerra contra os Vândalos, no ano de 533; e ficou entre a Sicília e a península Itálica de 536 até 540, ocasião em que tinha lugar a luta contra os ostrogodos, guerra gótica<sup>167</sup>.

A *História das Guerras* não faz o panegírico de Justiniano, porém, tampouco o denigre. Talvez, o imperador estivesse sedento por elogios, porque se acredita que encomendou a Procópio de Cesareia *Dos Edifícios*. O historiador de Cesareia fez nesse livro o repertório das grandes construções do reino de

---

*classical learning. He also had the full training of lawyer and a good working knowledge of Latin, both of which indicate he had studied law at either Berytus de Constantinople. The latter seems more likely, since he had no known connection with Berytus and came to the capital as a young man.* Treadgold, 2009, 177 e 178.

<sup>165</sup> GARCÍA ROMERO, 2000: 9

<sup>166</sup> GARCÍA ROMERO, 2000: 9

<sup>167</sup> Cf. Signes Codoñer, 2000: 12-13

Justiniano, derramando-se em elogios. Leiamos alguns fragmentos do prefácio do livro *Dos Edifícios*:

Não é pelo desejo de parecer eloquente, tampouco de passar por muito hábil na topografia do Império, que empreendi esta história. O conhecimento que tenho de minha pouca suficiência afasta-me muito desses pensamentos de vaidade. Porém, muitas vezes considerei a excelência das muitas vantagens que a história oferece aos Estados, quando ela transmite à posteridade uma imagem fiel dos séculos passados, quando ela combate a malignidade do tempo, que se esforça continuamente em arruinar as coisas mais belas e, finalmente, quando ela ergue a virtude, glorificada por seus leitores na medida em que merece ser, e ao contrário, abaixa e detém o progresso do vício.

O único dever de um Historiador é de representar fielmente as coisas e as ações, e de marcar claramente os autores, o que lho é fácil, ainda que tenha pouca facilidade para explicar. // [...] Justiniano, que vimos chegar ao Império, em um tempo de em grande agitação e de desordem muito estranha, aumentou notavelmente a extensão e o poderio do Império, expulsando diversas nações que aí faziam destruições inacreditáveis<sup>168</sup>. (A tradução é nossa)

Como podemos ver, o início *Dos Edifícios* insere-se na tradição da tópica. A tópica era uma espécie de “pedagogia do discurso”, graças a ela o leitor conseguiria apreender de forma mais eficaz a mensagem presente no texto. Leiamos o que diz o filólogo alemão Ernest Curtius a respeito da tópica:

No antigo sistema, a tópica é o celeiro de provisões. Contém os mais variados pensamentos: os que podem empregar-se em quaisquer discursos e escritos em geral. Todo escritor deve, por exemplo, tentar conciliar o leitor. Para tanto, recomendava-se, até a revolução literária do século XVIII, uma atitude modesta. Ao autor competia conduzir a seu tema. Para a introdução (*exordium*) havia, pois, uma tópica especial; e igualmente para a conclusão. As fórmulas de modesta, as de introdução e conclusão são obrigatórias em qualquer obra<sup>169</sup>.

<sup>168</sup> *Ce n'est pas par le désir de paraître éloquent ni de passer pour fort habile dans la topographie de l'Empire que j'ai entrepris cette histoire. La connaissance que j'ai de mon peu de suffisance m'éloigne fort de ces pensées de vanité. Mais c'est que j'ai souvent considéré la multitude, et l'excellence des avantages que l'histoire procure aux États, lorsqu'elle transmet à la postérité une image fidèle des siècles passés, qu'elle combat contre la malignité du temps, qui s'efforce continuellement de ruiner les plus belles choses, et qu'enfin elle relève la vertu, en la faisant louer par ses lecteurs autant qu'elle mérite de l'être, et qu'au contraire elle abaisse le vice, et en arrête le progrès. || L'unique devoir d'un Historien est de représenter fidèlement les choses, et les actions, et d'en marquer clairement les auteurs, ce qu'il lui est aisé de faire pour peu qu'il ait de facilité de s'expliquer. [...] Justinien que nous avons vu parvenir à l'Empire, en un temps où il était dans une agitation et dans un désordre tout-à-fait étrange, en a accru notablement l'étendue, et la puissance et en a chassé diverses Nations qui y exerçaient d'incroyables violences [...].* CÉSARÉE, Procopé. *Des Edifices in Histoire de Constantinople depuis le règne de l'ancien Justin, jusqu'à la fin de l'Empire*. Tradução de Louis Cousin. Paris: Chez Damien Foucault, Imprimeur et Libraire Ordinaire du Roi, 1685. p. 221-222

<sup>169</sup> CURTIUS, Ernest Robert: **Literatura Europeia e Idade Média**. São Paulo: Edsup, 1996. p. 121-122

A tópica era considerada mais do que uma mera técnica retórica. A tópica era essa “pedagogia do discurso” que tentava conduzir de forma gradual o leitor ao conteúdo da obra. No trecho acima citado *Dos Edifícios*, temos um típico exemplo de *topos* de “falsa modéstia” em que o autor alega a sua pouca competência para realizar o objetivo de sua obra, no entanto, tendo consciência da importância das construções de Justiniano, não poderá desistir. A utilização da tópica por Procópio de Cesareia afigura-se como mais um traço que o insere na tradição clássica. Mas não devemos nos deixar levar unicamente por esses traços, pois Procópio é um homem da fronteira de dois mundos e quando faz uso da mais legítima tradição clássica, não deixa também de ser inovador, não deixa de apropriar-se e, portanto, reinventar e colocar velhas técnicas a serviço de novas maneiras de interpretar e sentir.

Como é sabido, nosso interesse volta-se aqui, mais especificamente para a parte inédita da obra do historiador de Cesareia, as *Anékdota*. O que não pôde ser dito na história oficial não deixou de ser posto em papel. Seguramente, não sem grande temor e tergiversações de diversas ordens, pois é o próprio autor que abre as suas *Anékdota* afirmando seu grande receio, conforme pudemos ver anteriormente. Nada mais distante em termos de conteúdo *Dos Edifícios* do que as *Anékdota*.

### 3.3.

#### **Procópio espelho do historiador ou a História às avessas**

Um dos aspectos mais *sui generis* nas *Anékdota* é que estamos diante de um historiador que desestabiliza grande parte da própria obra. Não se trata do ataque de opositores, tampouco da crítica formulada por alguma escola historiográfica posterior, fruto de novas análises históricas. O que nos surpreende é que o grande imperador Justiniano, que é retratado de forma tão benévola, no livro *Dos Edifícios*, transmuta-se aqui em contraexemplo máximo. Contraexemplo que não deveria de forma alguma ser seguido, que serve como advertência aos tiranos que viriam a surgir no futuro. A tensão que aí se origina, inegavelmente, suscita questões que extrapolam as específicas circunstâncias relatadas por Procópio de Cesareia. Quero dizer que a leitura crítica das *Anékdota* inflama os

espíritos para uma profunda reflexão do que é ser historiador e qual seria a nossa função na sociedade.

Independente do quanto de verdade ou mentira se encerre nos escritos de Procópio, somos levados a questionar os limites da “verdade” e da responsabilidade do fazer história. Procópio assim se faz um espelho do historiador, onde nos vemos confrontados com a nossa própria imagem, no que ela possui de mais fascinante, de mais difícil e, também, de mais temível. A escrita da história assemelha-se a uma fotografia, que tenta apreender por meio de seus engenhos o espírito de um tempo e deixá-lo marcado sobre as já antigas folhas de filme de máquina. O negativo conteria o resultado das descobertas. Mas não podemos nos esquecer de que a fotografia é também a expressão do fotógrafo e da sua subjetividade. A escolha do próprio ângulo, tal qual a escolha do próprio objeto de pesquisa, parte de um interesse: por que este ângulo e não algum outro qualquer no infinito de possibilidades? Como os fotógrafos escolhem a textura do papel, o nível de contraste, a saturação e a luminosidade da foto; os historiadores, igualmente, têm de fazer suas escolhas. Os objetos retratados são ilusões? Em princípio não. É na tela do “real” — dentro dessa delimitação — que o fotógrafo expressa não só sua arte, mas também a interpretação de dado momento ou, então, do que quer tenha sido retratado.

As *Anékdota* nos conduzem a refletir sobre esse jogo de tensões que frequentemente subjaz camuflado pela “nitidez” do texto de História. As *Anékdota* parecem ser um espelho, no qual o historiador se vê refletido e o incita a pensar a própria história não como o relato do que ocorreu, mas bem mais como uma fotografia. A paisagem, os seres e os objetos que ali figuram existem, mas vários outros fatores entram em jogo, a representação se dá entre a tensão do real e o olhar do fotógrafo; as perspectivas são sempre passíveis de mudança.

Quando nos inteiramos do historiador que escreveu um livro no qual revelou as coxias ou o avesso da própria história, muitas perguntas surgem: Por que Procópio de Cesareia escreveu textos que não se coadunavam verdadeiramente com aquilo em que acreditava? É lícito ao historiador quando vive em um governo despótico calar-se? Seriam as *Anékdota* um sincero *mea culpa* de Procópio de Cesareia, ou antes, a manipulação falaciosa de dados

históricos? Se todo ato é político, até que ponto impõe-se o limite ético na escrita da história? Até que ponto chegam as possibilidades de uma interpretação que precisa fazer uso da imaginação de forma idônea e a manipulação intencional dos jogos de interesse?

São todas essas questões que incitam a nossa reflexão e acredito que o debate em torno da obra de Procópio nos proporciona tal ensejo. São perguntas prementes que vemos desencadeadas pelas *Anékdota*, estranho texto que faz o desconcerto da História. As *Anékdota* afiguram-se metaforicamente como o “mundo às avessas” da historiografia. Fazemos alusão aqui a uma tradição de imagens populares que durante vários séculos existiu na Europa. Nessas imagens podemos ver as atividades invertidas: os animais dominam os seres humanos; as mulheres fazem trabalhos então atribuídos exclusivamente aos homens; as serras cortam lenhadores. As imagens do mundo às avessas são cômicas, curiosas, engraçadas, possuem algo de arte *naïf*. Acreditamos, porém, que seu principal interesse é desestabilizar a “naturalidade” de nossos costumes.

Cada época faz uma leitura dos clássicos. Em nosso tempo, pensamos, ao ler as *Anékdota*, algo que se assemelha metaforicamente à tradição das imagens do “mundo às avessas”, ou seja: um historiador que desdiz o que narrara. Estamos diante de um convite cheio de sugestões para refletir sobre o ato de escrever a História. A História como campo do conhecimento que nos seduz e fascina. Mas também não devemos nos esquecer de que a História é filha de Clio, uma das musas. As musas inspiram os aedos, elas são criativas, são artistas da sedução que nos encantam, mas igualmente, em certas ocasiões, nos enganam; da mesma forma pode acontecer com a História. Engano que pode ser doce, mas, às vezes, também perigoso.

O ofício do historiador é perpassado por um dilema: ao mesmo tempo em que deve provar e narrar o que aconteceu, deve também interpretar. Entre escrever e simplesmente descrever situa-se a escrita da História; entre a busca esmerada pelos vestígios do pretérito e a ousadia da escrita marcadamente autoral. É o que

nos diz François Hartog: “como escrever sem escrever? Com o risco de não ser um historiador, o historiador não deve escrever e ele não pode não escrever<sup>170</sup>”.

Pensamos que essa questão implicitamente encontra-se no âmago da discussão que se estabeleceu a respeito da veracidade sobre Procópio de Cesareia. Mas, tendo feito essas considerações — sobre os questionamentos que a obra do historiador de Cesareia pode nos incitar, ou pelo menos, nos convidar — não é nosso propósito nos aprofundar por tais searas, ainda que estas se façam sempre presentes. Quanto a endossar a longa lista dos defensores ou detratores da idoneidade histórica de Procópio, acreditamos que os debates historiográficos atuais já tendem para um salutar equilíbrio, longe dos acirrados debates de outrora. No entanto, as *Anékdota* podem nos conduzir por caminhos que não passam necessariamente pelo embate entre a Verdade e a Mentira, entre o quanto há de crível no escrito inédito de Procópio, e entre o quanto há de falso. As *Anékdota* encerram um modo de pensar, entre suas linhas surgem-nos a maneira de sentir de uma época, matéria quase palpável do *zeitgeist* do século VI e é, justamente, por esses caminhos que haveremos de seguir.

### 3.4. Justiniano e sua época

É mister que abordemos, ainda que de forma sucinta, a figura de Justiniano, pois a obra de Procópio constitui-se em torno do imperador e de sua época, seja para exaltá-lo, seja para criticá-lo e denegri-lo.

Justiniano, que tinha por nome completo Flavius Petrus Sabbatius Justinianus, provinha de uma família de camponeses trácios dos confins do Império. Nasceu em 482, na obscura Tauresium, vilarejo situado na província da Dardania, nas proximidades de Berediana. Região não longe da cidade do que é hoje Skopoj, capital da República da Macedônia. O destino glorioso de Justiniano liga-se ao de seu tio materno Justino, homem de poucas ou nenhuma letra, além de “inativo e pouco dotado para o mando”<sup>171</sup>. Se há homens que marcam indelevelmente a História, há também aqueles que ficam registrados nos anais da

<sup>170</sup> HARTOG, François: *Le XIXe siècle et l'histoire: Le cas Fustel de Coulanges*. Paris: Éditions du Seuil, 2001. p.p. 27, 28.

<sup>171</sup> TREADGOLD, Warren: *Breve Historia de Bizancio*. p.76

História mais como os proporcionadores da ascensão de importantes personagens, do que como agentes de qualquer outra grande atuação ou obra de relevo mais específica. Estranho, mas não menos essencial papel, foi o de Justino. Segundo Maraval, Justiniano já possuía o nome de *Justinianus* antes de seu tio tornar-se imperador o que indicaria que já era adotado por Justino<sup>172</sup>.

Acredita-se que chegou a Constantinopla por volta da segunda década de sua vida, talvez em 502<sup>173</sup>. Viera a pedido de Justino e graças a este conseguiu ter uma sólida formação:

A educação que recebera — da qual se pode ter uma ideia a partir daquela que deu, após a morte de Teodora, a um pequeno menino do seu vilarejo — havia sem dúvida combinado o aspecto cultural e o aspecto militar. Justiniano seguiu o *cursus* ordinário da *paideia* antiga, estudou retórica e direito, mas também foi iniciado em teologia. Sua formação, aliás, é essencialmente latina e faz dele um romano, com os traços característicos de um estado de espírito romano, que lhe inspira a admiração a Roma e a sua história, não menos que aquela da “Antiguidade infalível”; parece também que não dominava tão bem o grego como o latim<sup>174</sup>. (A tradução é nossa)

Justiniano foi o último imperador que tinha por língua materna o latim, fato não menos importante, pois o Império do Oriente viria a ser cada vez mais de expressão grega. A partir do século VII, o latim deixaria de ser a língua oficial; a língua da administração passaria a ser exclusivamente o grego<sup>175</sup>. O afã de Justiniano de reconstituir o império em sua antiga dimensão seria, talvez, em parte devido a essa base cultural e identitária de originário das regiões de língua latina do Império. A Dardania situava-se próximo da fronteira do Danúbio e era um território constantemente ameaçado pelas pressões dos povos bárbaros. Quiçá, por conhecer a aflição dessas gentes que viviam em terras sob constante ameaça e por possuir uma identificação com a parte ocidental do Império, Justiniano faria da

<sup>172</sup> MARAVAL, Pierre: *L'Empereur Justinien*. p.22

<sup>173</sup> TATE, Georges: *Justinien: l'épopée de l'empire d'Orient* p.

<sup>174</sup> « L'éducation qu'il avait reçue — dont on peut se faire une idée à partir de celle qu'il fit donner, après la mort de Théodora, à un petit garçon de son village — avait sans doute combiné l'aspect culturel combiné l'aspect culturel et l'aspect militaire. Justinien a suivi le cursus ordinaire de la paideia antique, étudié la rhétorique et le droit, mais s'est aussi initié à la théologie. Sa formation par ailleurs, est essentiellement latine et fait de lui un Romain, avec les traits caractéristiques d'un état esprit romain, qui lui inspire l'admiration de Rome et de son histoire, non moins que celle de l'Antiquité infallible » ; il semble aussi qu'il ait moins bien possédé le grec que le latin. » MARAVAL: Pierre: *L'Empereur Justinien*. p. 23.

<sup>175</sup> KAPLAN, Michel: *Byzance*. p.206

retomada dos territórios do Ocidente uma das grandes razões de seu governo. Hipótese esta que é aventada por Tates:

Justiniano e sua família não eram somente arrivistas pelo fato de suas origens sociais, pobres e rurais, eram também marginais no seio do Império do Oriente, pela língua e pela ligação eclesiástica da região de origem deles. É provável — mas como provar? — que eles retinham de suas origens uma ligação com a cultura latina, a lembrança da antiga unidade romana e da igreja de Roma que quase não teve, provavelmente, equivalente no Oriente. Anastásio também era originário dos Bálcãs, mas era helenófono e não era voltado para o Ocidente. Justino e sua família eram portanto estrangeiros no Império? Eles não o eram nem um pouco visto, que o latim permanecia, oficialmente, como a língua do poder, da administração e da legislação. Seu conhecimento era, ao contrário, um trunfo para aqueles que se destinavam à administração. Desconhecer o grego, pelo contrário, era uma deficiência<sup>176</sup>. (A tradução é nossa).

A influência de Justiniano no governo de Justino foi cada vez maior, tanto por suas capacidades e formação, quanto pelo envelhecimento de Justino. O *cursus honorum* de Justiniano foi rápido e pleno de êxitos: “Em 518, era *domesticus* (oficial) nas *Scholes Palatines*; foi nomeado logo *illustris comes domesticorum* e patrício, o que o fez ascender ao consistório. Em 520, tornou-se *mestre das milícias praesentalis*, e, em 520, foi cônsul [...]”<sup>177</sup>. Quando da ascensão ao consulado, promoveu uma série de comemorações de grande fausto para colher as simpatias do povo de Constantinopla, “[...] com jogos magníficos no hipódromo e distribuição de dinheiro”<sup>178</sup>. Em 527, foi associado ao Império como herdeiro de seu tio. Meses depois, em 1º de agosto, com a morte de Justino, herdava plenamente as insígnias imperiais, ascensão que na verdade começara gradativamente e muitos anos antes.

<sup>176</sup> « Justinien et sa famille n'étaient pas seulement des parvenus du fait de leurs origines sociales, pauvres et rurales, ils étaient aussi des marginaux au sein de l'Empire d'Orient, par la langue et par le rattachement ecclésiastique de leur région d'origine. Il est probable, mais comment le prouver ? qu'ils tenaient de leurs origines un attachement à la culture latine, au souvenir de l'ancienne unité romaine et à l'église de Rome qui n'eut probablement guère d'équivalent en Orient. Anastase aussi originaire des Balkans mais il était hellénophone et n'était nullement tourné vers l'Occident. Justin et sa famille étaient-ils pour autant des étrangers dans l'Empire ? Ils n'en étaient pas du tout puisque le latin demeurait, officiellement, la langue du pouvoir, de l'administration et de la législation. Sa connaissance était, au contraire, un atout pour ceux qui se destinaient à l'administration. Méconnaître le Grec, en revanche, était un handicap. » TATE, Georges: **Justinien: l'épopée de l'empire d'Orient** p.76

<sup>177</sup> MARAVAL, Pierre: **L'Empereur Justinien**. p. 22

<sup>178</sup> idem



Figura 1: O Império Romano do Oriente, quando da ascensão de Justiniano, em 527, (laranja); as guerras de reconquista, com os respectivos anos (setas em vermelho); assim como os territórios conquistados (amarelo).

### 3.4.1. Guerra Persa

Uma das maiores ameaças do Império eram os persas, sob o governo da dinastia Sassânida, que pressionava as fronteiras orientais. Segundo Maas, os persas eram o principal elemento que configurava o cenário geopolítico da época de Justiniano:

O enorme e multiétnico império [persa] apresentou-se como a maior ameaça aos romanos durante toda a época de Justiniano, a guerra ocorreu frequentemente entre as duas grandes potências. Cosroes I foi o maior adversário de Justiniano. Suas constantes invasões ao território causaram grandes danos para as ricas cidades da região. A perda de recursos, em razão dos contínuos conflitos e ataques persas às riquezas romanas, teve um efeito deletério à economia romana, ainda que não tenha afetado a produtividade.<sup>179</sup> (A tradução é nossa)

<sup>179</sup> “The huge, multiethnic empire posed the greatest threat to Romans throughout the Age of Justinian, as warfare grew more frequent between the great powers. Khusro I was Justinian’s greteast adversary. His frequent invasions of Roman territory caused great damage to the rich cities of the region. The loss of revenues due to the continuing conflict and to Persian seizure of

A pressão persa impedia que os esforços se concentrassem nas partes do império Romano do Ocidente, que haviam sido perdidas gradativamente até a queda final de Roma, em 476, nas mãos de Odoacro, rei dos Hérulos, e a subsequente deposição de Romulus Augustulus. A solução encontrada por Justiniano foi estabelecer um tratado de paz com seu homólogo persa Cosroes, que acabara de ascender ao trono. A paz, que se dizia “eterna”,<sup>180</sup> seria concluída em 532, associada a um pesado tributo de onze mil libras de ouro pago aos persas. A fronteira oriental ficava agora desprotegida, o que não tardaria a atizar a ambição de Cosroes que violaria o acordo de paz em 540: a “paz eterna”<sup>181</sup> havia durado somente oito anos.

### 3.4.2. Guerra Vândala

Enquanto a fronteira persa estava pacificada, os esforços voltaram-se para o Ocidente. Os vândalos instalados no Norte da África professavam a vertente ariana do cristianismo e mantiveram por longa data uma política de perseguição aos católicos, estes eram, por sua vez, formados majoritariamente pela população local romanizada. Essa política anticatólica alterar-se-á com a ascensão de Hilderico, em 523, que se aliará a Justiniano. Mas, em 530, Gelimar derruba Hilderico e o encarcera. A conjuntura faz-se mais do que propícia para a intervenção de Justiniano que aproveita o ensejo dessa disputa interna para reaver territórios perdidos pelos romanos. O reino dos vândalos já se esboroava restrito à estreita faixa litorânea, constantemente atacada pelos berberes que resistiam no interior do continente. Em 15 de setembro de 533, as tropas de Belizário adentravam Cartago e, logo em seguida, conquistavam Hipona — cidade que se celebrizara por seu Bispo, Santo Agostinho. Gelimer é capturado nas alturas do

---

*Roman property had a deleterious effect on the Roman economy, though it did not affect productivity.*” Maas, Michael: Roman Questions, Byzantine Answers in Maas, Michael: *The Cambridge Companion of the Age of Justinian*. p. 10

<sup>180</sup> “Desse modo, pois, pactuaram a chamada ‘paz indefinida’, quando Justiniano já contava seis anos ocupando o trono. Os romanos entregaram aos persas Farangio e a fortaleza de Bolo além do dinheiro combinado, e os persas aos romanos as praças fortes de Lácica.” (Guerra Persa 17-18)

<sup>181</sup> Em grego *aspérantos eirene*, Francisco Antonio Garcia Romero traduz para o espanhol como “paz indefinida”, mas sublinha, em nota, que também é conhecida como paz eterna ou perpétua. Cf. Cesarea: Historia de las Guerras p.135.

monte Papúa<sup>182</sup>, nas proximidades de Hipona, em março de 352. A reconquista das cidades do norte da África, provavelmente, possuía uma importante carga simbólica.

### 3.4.3. Guerra Gótica

Para a potência que desejasse dominar o Mediterrâneo, era necessário ter sob o seu poderio as duas margens centrais do *Mare Nostrum* — o que já havia sucedido nos tempos áureos de Roma, quando das Guerras Púnicas. Já tendo conquistado o Norte da África, restava a Justiniano reaver a Itália. Desde 493, a península Itálica tinha por mestre Teodorico, rei dos Ostrogodos, que mantivera Ravena como capital de seu reino. Teodorico ali havia chegado, em parte, pelo incentivo de Zenão, soberano do Império Romano do Oriente, que o incentivou a destituir Odoacro, rei dos Hérulos. O incentivo de Zenão, na verdade, tinha por objetivo afastar o rei dos ostrogodos de Constantinopla, e assim desviar a cobiça do bárbaro para terras distantes da capital imperial. Teodorico, ainda que fosse imbuído de cultura greco-romana, pois havia sido criado em Constantinopla, desejava manter a separação entre os dois povos, por um lado os invasores ostrogodos, que professavam o arianismo e, por outro, a elite local romana católica. Na prática, isso se traduzia pela proibição de casamentos entre as duas etnias. Apesar dessa separação entre romanos e ostrogodos, defendida por Teodorico, sua política caracterizava-se por ser filoromana e de amizade com o imperador. Entretanto, já em tempos de Justino, tio de Justiniano, o rei os ostrogodos afastou-se de tal posição e desenvolveu uma política de hostilidade com os romanos, haja vista que Justino arrogou-se de defensor do Concílio de Calcedônia e pôs-se a perseguir os arianos. Uma das consequências dessa nova posição de Teodorico foi o assassinato de Boécio e a prisão do papa. Mas o rei dos ostrogodos veio a morrer em 525. O herdeiro seria seu neto, Atalarico, ainda menor de idade e que teria por regente sua mãe, a filha de Teodorico, Amalásunta. Mas os ostrogodos tinham dificuldade de reconhecer uma mulher como chefe do exército. Após diversas vicissitudes e a morte de seu filho, Atalarico, Amalásunta “sabendo que não pode continuar a governar sozinho, comete o erro de chamar

---

<sup>182</sup> Identifica-se, atualmente, o monte Papúa na cadeia de montanhas de Kroumirie, que se estende entre as atuais fronteiras da Argélia e da Tunísia. Cf: in Cesarea, Procopio: Historia de las Guerras Vandalas. Nota 21. p.218-219

Theolahat, que se fez detestar na Toscana por suas intromissões, suas brutalidades e seus confiscos dos bens dos romanos”<sup>183</sup>. Théodahat tornara-se o defensor do partido ostrogodo, e acabou por assassinar Amalásunta em 535. Esse assassinato é o ensejo perfeito para a intervenção de Constantinopla na península itálica, e Justiniano não haverá de perdê-lo.

Belizário chega a Sicília em 535. Concomitantemente outro exército invade a península pelo Norte. Em 536, Belizário, já vitorioso na Sicília, atinge o continente, aí permanecendo de 536 até 540. As vitórias sucedem-se até Roma, mas Belizário ficará sitiado em Roma durante dois anos. A invasão da Itália, ainda que vitoriosa, deixaria a península arrasada. À custa de grandes esforços, Roma voltava agora a ser “romana”. As reconquistas de Justiniano atingirão ainda o sul da Península Ibérica. Mas o sonho de reconstrução do *Orbis romanum* já não mais era possível, e logo se desfará após a morte de Justiniano, em 565.

Justiniano também permanecerá no imaginário do Ocidente, associado a sua vasta empreitada de regularização e organização da grande quantidade de leis e decretos existentes no Império, acumulação caótica que provinha do trabalho legislativo de vários séculos. Na prática jurídica a situação afigurava-se da seguinte forma:

A necessidade de uma reforma do direito impunha-se e a urgência e o esforço que ela requeria eram imensos. Os textos disponíveis não eram somente muito numerosos, eram prolixos, frequentemente confusos e, às vezes, contradiziam-se. O resultado era que a justiça dependia cada vez mais da vontade dos juizes, da sua subjetividade, e, eventualmente de seus interesses. Por causas similares, proferiam vereditos, por vezes, muito diferentes<sup>184</sup>. (A tradução é nossa).

#### 3.4.4. Código Justiniano

A comissão dirigida pelo jurista Tribonius, a quem Justiniano encarregara a tarefa de organização das leis, não só reuniu, mas também fez um verdadeiro trabalho de edição. O material basicamente era composto de três compilações

<sup>183</sup> TATE, Georges: **Justinien: l'épopée de l'empire d'Orient** p. 591

<sup>184</sup> « *La nécessité d'une réforme du droit s'imposait donc avec urgence et l'effort qu'elle requerrait était immense. Les textes disponibles n'étaient pas seulement très nombreux, ils étaient prolixes, souvent confus et, parfois, se contredisaient. Le résultat était que la justice dépendait de plus en plus de la volonté des juges, de leur subjectivité, éventuellement de leurs intérêts. Pour des causes similaires, ils rendaient des verdicts parfois très différents.* » TATE, Georges: **Justinien: l'épopée de l'empire d'Orient** p. 427

antigas, tentativas anteriores de sistematização das leis. Estas eram: o *Codex Gregoriani*, realizado pelo jurista Gregório, por volta de 291, onde se encontravam leis que iam de 196 até 291; o *Codex Hermogeniani*, realizado por outro jurista Hermógenes, em 295, com a legislação do reinado de Diocleciano de 293 até 294; e, por fim, o *Codex Theodosianus*, elaborado a mando do Imperador Teodósio II, contendo as leis do reinado de Constantino até a época do próprio Teodósio<sup>185</sup>. Das atividades dessa comissão jurídica, surgiu o *Codex Justinianus*, em 529. Mais tarde, o *Codex Justinianus* seria revisto e alterado. À nova versão dá-se o nome de *Codex repetitæ praelectionis*.

Em 530, Justiniano compõe uma comissão de 17 juristas<sup>186</sup>, igualmente sob a direção de Triboniano, agora com o intuito de fazer uma grande recolha da jurisprudência do direito romano que abarcava um período indo do século II A.C. ao século III D.C.. Os textos a serem sistematizados materializavam-se em “1528 livros de 3 milhões de linhas”<sup>187</sup>. O resultado final da sistematização desses cinco séculos de jurisprudência romana deu-se em “50 livros — 432 capítulos — e 150 000 linhas”<sup>188</sup>, nascendo assim os *Digesta* ou *Pandectæ* e publicado em 16 de dezembro de 533.

A preocupação do imperador voltou-se igualmente para a formação dos estudantes de direito. Concomitante aos trabalhos dos *Digesta* ou *Pandectæ*, nomeou além de Triboniano, dois professores de direito, Teófilo e Doroteu, para redigirem um manual destinado aos alunos da Escola de Direito de Constantinopla. Esse manual intitulou-se *Institutiones*, também publicado em 533 e possuindo caráter oficial. Além disso, Justiniano publicou diversas leis e decretos. A recolha destes, a partir do ano de 535 até 565, são as *Novellæ*. Ao conjunto desse trabalho monumental — o *Codex Justinianus*; o *Codex repetitæ praelectionis*; os *Digesta* ou *Pandectæ*; e as *Novellæ* — os juristas da Renascença, mais precisamente no século XVI, viriam a conceder o nome de *Corpus Iuris Civilis*.

<sup>185</sup> ROLIM, Luiz Antonio: **Instituições de direito Romano**. p. 88-89

<sup>186</sup> AHRENS, Enrique: **Historia del Derecho**. p.165

<sup>187</sup> MARAVAL, Pierre: **L'Empereur Justinien**. p. 36

<sup>188</sup> Idem p. 37